# Portugal está no caminho da Grécia até na alimentação

**Já nem para comer os portugueses gastam dinheiro. Em meio ano, o volume de compras caiu 3,7 por cento: um nível semelhante ao maior pico registado pelos helénicos em 2012. Em contrapartida, as poupanças não param de crescer.**

"A crise tem sido mais forte porque as pessoas gastaram menos do que previmos". A frase é de Pedro Passos Coelho. O primeiro-ministro lá terá pensado que o aumento das poupanças por parte das famílias iria traduzir-se, ao mesmo tempo, em maior consumo. Mas enganou-se.

O indicador de poupança APFIPP/Universidade Católica subiu de 121,6 pontos em Maio para 123,7 pontos em Junho, atingindo um novo máximo histórico. No segundo trimestre de 2013, a tendência de crescimento da poupança das famílias manteve os sinais de estabilização em níveis historicamente elevados, refere o documento. As famílias portuguesas pouparam mais de 10,5 mil milhões de euros, valor que não era atingido há mais de 17 anos, desde 1995.

"O nosso indicador sugere que, em termos agregados, as famílias têm aumentado a sua taxa de poupança em 0,10-0,15 pontos percentuais do PIB [Produto Interno Bruto] em cada trimestre desde Dezembro de 2009", pode ler-se.

Os cortes nos orçamentos das famílias são verticais. Já não há dinheiro nem para televisão por cabo, nem para as contas mensais nem para alimentação. As famílias estão a adaptar-se como podem aos constantes cortes nos rendimentos.

As chamadas marcas brancas ainda foram o escape nos primórdios da crise. Nesses tempos, os portugueses deixaram a carne de vaca, optaram por frango, e passaram a cozinhar mais refeições em casa. Para o trabalho começaram a levar as marmitas, e os restaurantes deixaram de ter clientela. E Passos não previu que isso fosse acontecer.

O tempo foi passando. A crise foi agonizando as famílias e empresas. Portugal assistiu – e assiste – à maior vaga de emigração da história. Nem nos idos anos 70 tanto português foi obrigado a abandonar a Pátria. Mas desta vez não foi a mão-de-obra barata a procurar melhor sorte em outro canto do Mundo. Foram os "cérebros" deste País – criados e educados graças aos impostos dos contribuintes – a irem contribuir para a economia estrangeira.

Por cá resta-nos ir lutando no dia-a-dia, sem dinheiro no bolso. Muitas vezes aguardando em desespero as remessas dos emigrantes que crescem de ano para ano.

### Corte na comida

Os cortes tiveram que ser feitos, ainda que o Executivo não entenda porquê. A empresa de estudos de mercado Kantar Worldpanel diz mesmo que no primeiro semestre do ano os portugueses estiveram em "modo de sobrevivência".

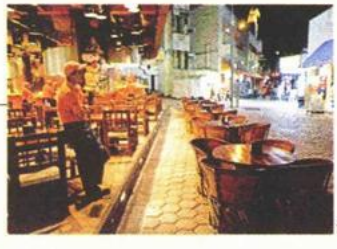
O essencial para os portugueses resume-se cada vez mais a uma pequena lista de artigos. Há que poupar. Não se trata de deixar de comprar a fruta importada ou o queijo especial. É comprar menos pacotes de leite, adiar a compra de água, levar menos azeite ou pão para casa. A amostra de 4.000 lares de Portugal Continental, a que a empresa recorre para medir constantemente as alterações de consumo, põe em evidência famílias focadas nos gastos com a alimentação, que procuram o melhor preço para rentabilizar o rendimento e 85 por cento estão atentas às promoções (eram 69 por cento em 2009).

Na prática, esta tendência reflecte-se no número de produtos que colocam no carrinho do supermercado: o volume reduziu-se em 3,7 por cento nos primeiros seis meses, e por cada acto de compra (ou seja, em cada ida à loja) as famílias compram menos 4,7 por cento de produtos em comparação com o primeiro semestre de 2012.

Do carrinho das compras têm desaparecido o azeite (-25%), as farinhas (-12%), o pão de padeiro (-9,5%), o detergente de máquina (-8,7%), o pão e tostas (-8,6%), ou as frutas (-7,4%).

A alimentação em Portugal está a mudar. E para pior. O futuro dirá que consequências trouxe esta crise para a saúde dos portugueses. ■

## IVA vai destruir 150 mil empregos na restauração



O Governo adiou para o final de Agosto a apresentação das conclusões da avaliação do regime fiscal aplicável aos sectores da hotelaria e restauração, invocando as recentes alterações na composição do Executivo e a necessidade de recolher mais informação.

Mas a AHRESP (Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal) alerta que as empresas não aguentam manter-se neste patamar de IVA de 23 por cento e que o sector deverá chegar ao final de 2013 com metade do número de empregos que tinha no início de 2012.

Os estudos iniciais apontavam para uma perda de cerca de 30 por cento dos 300 mil empregos neste sector, mas as contas da AHRESP apontam para que, só em 2012, se tenham perdido cerca de 75 mil postos de trabalho. E os dados já existentes para 2013 indiciam que um número semelhante de pessoas arrisque ficar no desemprego.

A recente decisão da Grécia de baixar o IVA dos restaurantes de 23 por cento para 13 por cento a partir de 1 de Agosto veio dar novo fôlego às revindicações da AHRESP e da APHORT para que também por cá o IVA regresse ao patamar dos 13 por cento onde estava em 2011.

Na Grécia, a baixa do imposto foi posta em marcha pelo executivo como estratégia para aumentar o consumo numa economia em recessão há seis anos consecutivos e, defendeu o primeiro-ministro, facilitar o combate à evasão fiscal.

No acordo assinado entre o Ministério grego das Finanças e os representantes da restauração e hotelaria, é prevista a possibilidade de as empresas baixarem os preços entre 5 e 8 por cento, para que a descida do IVA se reflicta no valor pago pelo consumidor final.